

Introdução

A descoberta mais sensacional de manuscritos antigos em tempos modernos se deu às margens do Mar Morto, especificamente na parte sul do *khirbet Qumran*¹. Por volta de dezembro de 1946², os beduínos da tribo *Ta'âmireh* Jalil Musa, Yuma Mahoma Jalil e Mahammad el-Hamed (chamado Edh-Dheed) encontraram manuscritos em forma de rolo em jarras no interior de uma gruta nas proximidades do *khirbet Qumran*³. Um desses manuscritos consistia na Regra da Comunidade (1QS)⁴. A notícia da descoberta dos rolos de pergaminho se fez pública em 11 de abril de 1948⁵, mas foi apenas em janeiro de 1949, que uma expedição arqueológica pôde realizar escavações na gruta⁶. Tais escavações conseguiram dar aos manuscritos achados um contexto histórico bastante preciso, pois provaram que foram escritos por pessoas que habitaram durante duzentos anos aquela localidade; que, pelo menos, parte dos manuscritos foi copiada ali; e que há uma data limite para o depósito dos manuscritos nas grutas: ano 68 do século I⁷. Além destas considerações, as escavações trouxeram à luz que os proprietários daqueles manuscritos viviam segundo um tipo peculiar de

¹ Cf. TREVER, J. C., *The Discovery of the Scrolls* in **BA 11** (1948), p. 46-57; VAUX, de R., *Fouilles au Khirbet Qumrán: Rapport Préliminaire* in **RB 60** (1953), p. 83-106; Id., *Fouilles au Khirbet Qumrán: Rapport Préliminaire sur la Deuxième Campagne* in **RB 61** (1954), 206-236; Id., *Chronique Archéologique: Khirbet Qumrán* in **RB 61** (1954), p. 567-568; Id., *Chronique Archéologique: Khirbet Qumrán* in **RB 63** (1956), p.73-74; LAMADRID, A. G., *Los Descubrimientos del Mar Muerto*, p. 15-23; BROWNLEE, W. H., *Edh-Dheeb's Story of his Scrolls Discovery* in **RQ 12** (1962), p. 483-488; DUPONT-SOMMER, A., *Les Écrits Esséniens*, p. 10.51-52; HUMBERT, J-B., *Une Mer Morte pas si Morte* in **MB 187** (2008), p. 10-13.

² Cf. TREVER, J. C., *When Was Qumrán Cave I Discovered?* in **RQ 3** (1961), p. 135-141; BROWNLEE, op.cit., p. 483-493. Muhammad Edh-Dheeb diz que achou a gruta 1 em 1945, mas, segundo Trever, não há nenhum suporte evidente para isto. Brownlee, ao contrário, considera válido o testemunho de Edh-Dheeb e acrescenta que, quando esteve em Belém, em 1960, recebeu a informação que os primeiros manuscritos foram descobertos em 1938.

³ Cf. TREVER, J. C., op. cit., p. 135-141.

⁴ Cf. LAMADRID, A. G., *Los Descubrimientos del Mar Muerto*, p. 29-30. Os outros rolos correspondiam ao livro de Isaías (1QIs^a), ao comentário de Habacuc (1QpHab) e ao comentário do Gênesis (1QpGnAp), que foram adquiridos pela Universidade Hebraica de Jerusalém. O trabalho meticuloso permitiu recuperar cerca de 600 fragmentos provenientes de uns 70 manuscritos diversos, assim como abundantes restos de cerâmica, utensílios, restos de tecido e moedas.

⁵ Cf. DUPONT-SOMMER, A., op. cit., p. 10-11.

⁶ Cf. LAMADRID, A. G., op. cit., p. 47. Das moedas encontradas, 10 puderam ser identificadas: 1 de Herodes (37-4 a.C.), 3 de Augusto (29 a.C.-14 d.C.), 2 de Tibério (14-37 d.C.), 2 de Agripa I (41-44 d.C.), 1 de Cláudio (41-54 d.C.) e 1 do segundo ano da 2ª revolução judaica (132-135 d.C.).

⁷ Cf. GARCÍA MARTÍNEZ, F., *Os Textos de Qumran*, p. 33-34. Em 1990 foi usada a técnica chamada *Accelerator Mass Spectrometry* que provou que nenhum dos manuscritos provenientes de Qumran foi copiado após 68 d.C. A autenticidade e a antiguidade dos manuscritos encontrados nas grutas de Qumran são consideradas agora fora de qualquer dúvida.

organização comunitária monacal e autárquica⁸. Em 1952, as Grutas 2, 3, 4, 5 e 6 foram localizadas; e em 1955, os arqueólogos descobriram as grutas 7, 8, 9, 10 e 11⁹.

As informações proporcionadas pelos manuscritos, assim como pelas fontes clássicas sobre os essênios, levam à conclusão de que existe uma estreita relação do grupo qumrânico com os essênios¹⁰. Porém, as diferenças apresentadas impedem a simples identificação, pois as informações são precisas ao descrever o movimento essênio como um movimento de tipo nacional, cujos membros não viveram separados do resto do judaísmo, mas se achavam espalhados pelas cidades de Israel¹¹. Daí que não se pode reduzir o essenismo ao fenômeno de Qumran; mas Qumran só pode ser compreendido no contexto mais amplo do movimento essênio¹². A hipótese de Groningen¹³ utiliza as informações dadas pelos manuscritos de que o fundador da comunidade, o Mestre da Justiça¹⁴ (cf. 4QpPs 37,3.15-16; CD 1,9-12), assim como o seu opositor neste conflito, o "Mentiroso", foram anteriormente membros de uma mesma comunidade. E na disputa entre ambos apenas uma pequena minoria tomou partido pelo Mestre da Justiça¹⁵.

Os manuscritos que pertenciam à biblioteca de Qumran faziam parte de uma literatura puramente religiosa, e foram escritos e conservados em função do culto ou da organização da vida religiosa da comunidade. A literatura não-bíblica encontrada nas diversas grutas está relacionada ou com a seita ou com as correntes

⁸ Cf. SAGAZAN, B., *La Nouvelle Aventure des Manuscrits de Qumrân* in **MB 187** (2008), p. 19.

⁹ Cf. STECKOLL, S. H., *Marginal Notes on the Qumran Excavations* in **RQ 25** (1969), p. 27-35. Todos os materiais das grutas menores foram publicados em 1962 por M. Baillet, J. T. Milik e R. de Vaux na obra *Discoveries in the Judaean Desert of Jordan III: Les 'Petites Grottes' de Qumrân*, Oxford, 1962.

¹⁰ Cf. SHANKS H., *The Mystery and Meaning of the Dead Sea Scrolls*, p. 130-131.

¹¹ Cf. GARCÍA MARTÍNEZ, F., *Os Textos de Qumran*, p. 38-39. Porém, os essênios evitavam as grandes cidades e moravam principalmente em vilas; muitos eram artesãos, mas recusavam-se a produzir objetos que pudessem ser usados na guerra; não participavam do comércio ou do transporte naval, pois afirmavam que tais coisas somente acentuavam o desejo pelo luxo.

¹² Cf. VERMES, G., *Les Manuscrits du Désert de Juda*, p. 39-40.90-91.

¹³ Cf. VÁZQUEZ ALLEGUE, J., *Los Hijos de la Luz y los Hijos de las Tinieblas*, p. 41-42. A "Hipótese de Groningen" foi apresentada pela primeira vez em um congresso organizado pela Academia Polonesa de Ciências em Mogilnay, em 1987. Segundo García Martínez, esta hipótese é a mais convincente e a mais desenvolvida por proporcionar uma solução que respeite todos os elementos dos textos, acomodando-se aos limites reais impostos pelas escavações do *Khirbet Qumran* e fixando uma trama cronológica na qual se desenvolvem os inícios da história da comunidade.

¹⁴ Cf. LAMADRID, A. G., *Los Descubrimientos del Mar Muerto*, p. 272. O termo "de justiça" pode ser entendido em sentido objetivo: mestre que ensina a justiça, o caminho justo e reto; e em sentido subjetivo: mestre justo.

¹⁵ Cf. MURPHY-O' CONNOR, J., *The Essenes and their History* in **RB 81** (1974), p. 219.

ideológicas nas quais a seita mergulhava suas raízes. Levando em consideração que um número considerável de obras lá contidas é representante de uma teologia e de uma práxis sectárias, a biblioteca pode ser definida como uma biblioteca sectária, que pertencia a uma comunidade que tinha o seu centro comunitário nas ruínas do monastério de Qumran. Tais descobertas causaram uma mudança na direção das pesquisas tanto do cristianismo primitivo como do judaísmo¹⁶. Como os dois primeiros séculos, antes da era cristã, e o primeiro depois de Cristo são momentos de desenvolvimento e criação literárias tanto no ambiente judaico como nas comunidades primitivas cristãs, é possível estabelecer três tipos de contextos literários.

Em primeiro lugar, há o contexto **veterotestamentário**, que nos remete à criação e à redação definitiva dos últimos livros do Antigo Testamento. Como os manuscritos bíblicos encontrados pertencem a um período anterior à canonização do texto bíblico e ao trabalho dos massoretas, seu estudo permite conhecer o processo de formação de fixação do texto bíblico, além de ajudar a controlar e corrigir os grandes códices medievais¹⁷. No entanto, a questão do texto bíblico coloca-se hoje de uma forma muito mais complexa: já não se trata tanto de saber se a transmissão do texto bíblico realizou-se em condições de confiabilidade, mas sim de explicar a pluralidade de textos e de formas textuais em que se transmitia a Bíblia na época anterior à formação do cristianismo e do rabinismo. O estudo dos manuscritos de Qumran proporciona ainda materiais para a crítica textual do Antigo Testamento, além de influenciar nos estudos de crítica literária que se propõem a reconstruir o processo de formação dos livros bíblicos¹⁸. A coleção dos escritos encontrados é um exemplo da situação vigente na época: os manuscritos depositados são numerosos e, praticamente, estão representados todos os livros da Bíblia hebraica¹⁹. Mas é quase impossível precisar quais deles eram aceitos como livros inspirados, sobretudo, se temos em conta que existem numerosas cópias de livros apócrifos²⁰.

Em segundo lugar, há o contexto da ampla **literatura apócrifa**, como o Testamento dos Doze Patriarcas, 3 Esdras, Salmos de Salomão, Assunção de

¹⁶ Cf. BERTHOLET, K., *Qumrân, la Bibliothèque d'où a surgi la Bible* in **MB 187** (2008), p. 6-7.

¹⁷ Cf. VÁZQUEZ ALLEGUE, J., *Los Hijos de la Luz y los Hijos de las Tinieblas*, p. 33.

¹⁸ Cf. GARCÍA MARTÍNEZ, F.; TREBOLLE BARRERA, J. *Os Homens de Qumran*, p. 132-157.

¹⁹ Cf. SAGAZAN, B., *La Nouvelle Aventure des Manuscrits de Qumrân* in **MB 187** (2008), p. 20.

²⁰ Cf. LIM, T. H., *The Qumran Scrolls, Multilingualism, and Biblical Interpretation*, in COLLINS, J. J.; KUGLER, R. A., *The Dead Scrolls*, p 67.

Moisés, entre outros. Também se inserem neste contexto as obras referentes à vida da comunidade de Qumran, como a Regra da Comunidade, a Regra da Congregação, a Regra da Guerra, o Rolo de Cobre, o Rolo do Templo, Salmos de Ação de Graças, etc. Tais manuscritos levam a considerar que as fronteiras entre o que era considerado em Qumran como texto "bíblico" e o que era visto como "interpretação" destes textos eram muito mais fluidas do que se imaginava²¹.

Em terceiro lugar, há o contexto da **primitiva literatura cristã**, como as cartas aos Tessalonicenses, Gálatas, Coríntios, Romanos, etc. e os ditos e as narrativas sobre Jesus que posteriormente darão lugar aos evangelhos. O momento de formação dessa literatura coincide com a etapa final da vida da comunidade de Qumran até seu desaparecimento, de tal forma que se pode afirmar que os últimos escritos de Qumran foram contemporâneos dos primeiros escritos neotestamentários²². Desde a descoberta da gruta 1 em Qumran, o estudo da matriz Palestina dos escritos do Novo Testamento tomou nova ênfase²³, inaugurando assim um novo período de interpretação filológica dos textos netestamentários, baseado em analogias e fontes literárias. Esse método é importante, sobretudo para a análise dos evangelhos, pois ajuda a esclarecer o sentido original da mensagem de Jesus²⁴. A interpretação bíblica de Qumran representa assim o elo que une a interpretação da Bíblia contida nos próprios livros bíblicos e a interpretação da Bíblia desenvolvida na literatura cristã primitiva e na literatura rabínica²⁵. Como tanto o cristianismo como a comunidade de Qumran estão enraizados no Antigo Testamento, é natural que haja paralelismos entre eles. São, além disso, dois movimentos religiosos contemporâneos que se inserem em um mesmo marco geográfico e cultural. É

²¹ Cf. GARCÍA MARTÍNEZ, F.; TREBOLLE BARRERA, J., *Os Homens de Qumran*, p. 153-160; Durante o Congresso "Manuscritos do Mar Morto" organizado pela Universidade Complutense de Madri, em 1991, um dos temas mais discutidos foi o das "fronteiras": a fronteira entre "texto bíblico" e "textos bíblicos" de um lado e, de outro, a fronteira entre "texto bíblico" e "texto não-bíblico".

²² Cf. VÁZQUEZ ALLEGUE, J., *Los Hijos de la Luz y los Hijos de las Tinieblas*, p. 34.

²³ Cf. FITZMYER, J. A., *The Qumran Scrolls and the New Testament After Forty Years* in **RQ 13** (1988), p. 609.

²⁴ Cf. FLUSSER, D., *O Judaísmo e as Origens do Cristianismo I*, p. 50-85.123. Flusser explica que a estrutura teológica de Qumran "foi desmontada e as pedras foram reutilizadas pelos pensadores cristãos primitivos para construir uma nova casa diferente. Muitos outros materiais também entraram na construção desse edifício novo e maior: tanto pedras tiradas de outras casas antigas (grega e judaica) quanto pedras lavradas na experiência religiosa cristã sem precedente e verdadeiramente original". E acrescenta: "O material não foi apenas colhido, mas também fundido, remodelado, e enriquecido pelo impacto da personalidade e da doutrina de Jesus, e pelas tremendas forças criativas disparadas pela nova fé".

²⁵ Cf. GARCÍA MARTÍNEZ, F.; TREBOLLE BARRERA, J., op. cit., p. 144.

possível inclusive que muitos essênios tenham se convertido ao cristianismo e relatado à Igreja nascente suas experiências de vida comunitária em Qumran²⁶. Cabe ressaltar que nenhum importante pensamento do NT semelhante ao de Qumran, como eleição ou dualismo, está restrito a algum livro particular do NT, de modo a se pensar que um autor isolado tenha introduzido tais doutrinas no pensamento cristão. Isto leva a supor uma fonte comum de influência, ou seja, que houve um estrato do pensamento cristão influenciado pela doutrina de Qumran²⁷.

Os paralelismos mais estreitos entre Qumran e o cristianismo não se encontram, no entanto, em João Batista²⁸ ou em Jesus, mas em João, Paulo²⁹ e na carta aos Hebreus³⁰. Isto leva a perceber que tais paralelismos não se dão tanto nas origens mesmo do cristianismo mas em um estágio posterior³¹. Inclusive dentro do *corpus paulinum*, os paralelismos se multiplicam e se acentuam mais nos escritos tardios, especialmente na carta aos Efésios (a detalhada questão da autoria de Paulo em algumas espístolas é tido como irrelevante para a investigação de sua relação com a doutrina de Qumran)³².

²⁶ Cf. LAMADRID, A. G., *Los Descubrimientos del Mar Muerto*, p. 280. Como exemplo dessa realidade, menciono aqui os artigos elaborados por C. Daniel para descobrir no NT alusões implícitas aos essênios: *Une mention paulinienne des Esséniens de Qumrân* in **RQ** (1966), p. 553-567; *Une mention des Esséniens dans un texte syriaque de l'Apocalypse* in **Numen** 113 (1966), p. 155-164; *Esséniens, Zélotes et Sicaires et leur mention par paronymie dans le Nouveaux Testament* in **Numen** 113 (1966), p. 88-115; *Les Esséniens et "ceux qui sont dans les maisons des rois" (Mat 2,7-8 e Lc 7,24-25)* in **RQ** 6 (1967), p. 353-390; *"Faux Prophètes": surnom des Esséniens dans le Sermón sur la Montagne* in **RQ** 6 (1969), p. 45-79; *Les Esséniens et l'arrière-fond historique de la parabole du Bon samaritain* in **NT** 11 (1969), p. 71-104.

²⁷ Cf. FLUSSER, D., *O Judaísmo e as Origens do Cristianismo I*, p. 51.

²⁸ *Ibid.*, p. 217. De fato, João Batista pertenceu num sentido mais amplo ao movimento essênio. Parece que ele sofreu influência direta das doutrinas essênias, mas não permaneceu na seita por causa de diferenças doutrinárias. É evidente que ele recusou o ponto de vista essênio de que a salvação seria restrita aos membros de uma seita e condicionada pela aceitação de uma rígida disciplina. Sobre o assunto, ver PUECH, É., *Jean Baptiste était-il Essénien?* in **MB** 86 (1993), p. 7-8; PRYKE, J., *John the Baptist and the Qumran Community* in **RQ** 16 (1964), p. 483-496.

²⁹ Dos trabalhos que se dedicam à relação de Paulo com Qumran pode-se destacar: WAGNER, S., *Paul and Qumran* in **RQ** 27 (1970), p. 438-441; LÉGASSE, S. in BRAUN, H., *Qumran und das Neue Testament* in **RQ** 24 (1968), p. 577-578; DANIELLOU, J., *Église Primitive et Communauté de Qumran*, p. 216-219; LAMADRID, A. G., *op. cit.*, p. 299-317; GARCÍA MARTÍNEZ, F.; TREBOLLE BARRERA, J., *Os Homens de Qumran*, p. 268-272; BURROWS, M., *Os Documentos do Mar Morto*, p. 353.349; FLUSSER, D., *op. cit.*, p. 50-109.

³⁰ Alguns exemplos de obras sobre os contatos literários entre a carta aos Hebreus e os escritos de Qumran são: DANIELLOU, J., *op. cit.*, p. 216-219; LAMADRID, A. G., *op. cit.*, p. 323-324; WAGNER, S., *op. cit.*, p. 438-441; LÉGASSE, S. in BRAUN, H., *op. cit.*, p. 573-578.

³¹ Cf. FLUSSER, D., *op. cit.*, p. 85. No entanto, fica claro que a influência essênica sobre Jesus e o primeiro estágio do cristianismo não pode ser desprezada, visto que estes aceitaram parte das concepções sociais e éticas dos essênios.

³² Cf. CHARLESWORTH, J. H., *La Genèse Littéraire de la Règle de la Communauté* in **RB** 76 (1969), p. 625. Das 50 passagens do *corpus paulinum* nas quais os autores reconhecem alguma afinidade com a literatura de Qumran, mais da metade pertence à carta aos Efésios. Charlesworth enumera: Rm 1,18.19; 13,11-13; 16,26; 1Cor 6,1-8; 11,10; 2Cor 4,6; 6,14-7,1; 11,14; Ef 1,2.3.6-

A relação mais estreita, porém, entre o pensamento de Qumran e o Novo Testamento se produz nos escritos de João, principalmente no que diz respeito às formas dualistas luz/trevas, verdade/mentira, o mundo de cima/o mundo de baixo, etc. Nos últimos anos do século XIX e nos primeiros do século XX, era comum admitir que a linguagem e as concepções do Quarto Evangelho deveriam ser entendidas quase inteiramente do ponto de vista helenístico, ou seja, das religiões gregas dos mistérios, ou até mesmo da gnose greco-oriental³³. A tradicional ligação do Quarto Evangelho com a região de Éfeso era usada, portanto, para confirmar a origem helenística do evangelho³⁴. Deste modo, eram sensivelmente subestimados os elementos judaicos que nele apareciam. Após esta época, porém, a situação começou a se modificar, de modo que se reconhece cada vez mais a característica fortemente judaica do Quarto Evangelho³⁵. Enquanto comentadores, como Bulltman, Barret, Dodd..., procuravam em diferentes fontes helenísticas a origem das concepções tão típicas do Quarto Evangelho, a Regra da Comunidade de Qumran (1QS) apresenta, surpreendentemente, uma série de expressões paralelas com o evangelho joanino, que não podem ser consideradas acidentais³⁶. Tais paralelos têm a vantagem de estarem muito mais próximos no espaço e no tempo do que as expressões tiradas dos textos gnósticos ou herméticos. As descobertas de Qumran revolucionaram, portanto, os estudos do Quarto Evangelho: Qumran é a chave não somente do vocabulário e do estilo do evangelho joanino, mas também de sua concepção de fundo e, sobretudo de sua concepção dualista, de modo que não se pode mais dizer que o Quarto Evangelho é o mais helenístico dos evangelhos³⁷. De fato, é perfeitamente evidente que existe um idioma semítico subjacente ao evangelho joanino, tanto em termos de gramática como quanto ao de estilo, pois não há como negar uma influência

7.9-10.12.14.19-21; 2,1-22; 3,4.6-7.9-10; 4,2.10.17-19.22-24.27.31; 5,3-17.26.32; 6,10-20.23-24; Cl 1,6.12-14.16.26; 2,2-3.10; 1Tes 5,1-10; 2Ts 2,6-8; 1Tm 3,14-15; 2Tm 2,25-26; 3,8. Ele chegou às seguintes conclusões: a) Qumran exerceu certamente influência sobre Paulo e sobre a carta aos Hebreus; b) As passagens ou doutrinas de Paulo que antes tendiam a serem explicadas por influências gnósticas, agora são explicadas pelo pensamento de Qumran; c) O contato entre Paulo e essênios de Qumran pode ter acontecido em Damasco, Colossas ou Éfeso, locais que contavam com a presença de grupos judeus. Neste aspecto, o Documento de Damasco menciona um exílio dos essênios "para a terra do Norte" (7,13-14), que possivelmente seria Damasco.

³³ Cf. SCHELKLE, K. H., *A Comunidade de Qumran e a Igreja do Novo Testamento*, p. 123.

³⁴ Cf. BROWN, S., *From Burney to Black: The Fourth Gospel and the Aramaic Question* in **CBQ** 26 (1964), p. 324.

³⁵ Cf. LINDARS, B.; RIGAUX, B., *Témoignage de L'Évangile de Jean*, p. 15.

³⁶ Cf. FLUSSER, D., *O Judaísmo e as Origens do Cristianismo I*, p. 83.

³⁷ Cf. MENOUD, H. *Les Études Johanniques de Bultmann a Barret* in **RecBib III** (1958), p. 37.

aramaica sobre ele ou mesmo a possibilidade de que, no decorrer do seu processo redacional, tenha existido uma fonte aramaica³⁸. Acrescenta-se ainda que as citações da Escritura no Quarto Evangelho seguem o modelo de interpretação *peshet*³⁹, forma de interpretação particular dos escritos de Qumran. Quanto a este aspecto, cabe notar que o tipo de interpretação essênica que, em Qumran, culminará no desenvolvimento de uma concepção própria dessa interpretação enquanto revelada, é o resultado e o prolongamento da transformação da interpretação profética que se realizou dentro da tradição apocalíptica⁴⁰.

O objetivo desta tese é, portanto, defender que, na evolução literária do Quarto Evangelho, as definições cristológicas que envolvem a ideia de "luz" receberam influência do pensamento oriundo da comunidade essênica instalada em Qumran, como se apresenta, de modo especial, na Regra da Comunidade. A hipótese parte do pressuposto de que, no decorrer do processo literário do Quarto Evangelho, Jesus foi apresentado como o cumprimento do ideal qumrânico e profético de "luz", em resposta à presença de cristãos de origem essênica, ex-qumranitas, na comunidade joanina imbuídos das ideias qumrânicas relacionadas ao tema da "luz"⁴¹. A princípio, as relações entre a comunidade que residia em Qumran e o início do cristianismo são historicamente e geograficamente possíveis. Considera-se mesmo muito provável que a Igreja nascente de Jerusalém tenha recebido notícias das experiências feitas pela comunidade de Qumran e que

³⁸ Cf. BROWN, S., *From Burney to Black: The Fourth Gospel and the Aramaic Question* in **CBQ** 26 (1964), p. 339. Adolf Schatter, em seus dois livros *Die Sprache und Heimat des Vierten Evangelisten* (1902) e *Der Evangelist Johannes* (1930), descobriu traços do hebraico na linguagem do evangelho, antes que do aramaico, ilustrando abundantemente expressões joaninas partindo dos escritos hebraicos ou rabínicos. C. F. Burney (1925), em sua obra *The Aramaic Origin of the Fourth Gospel*, reuniu argumentos linguísticos, como estrutura da frase, conjunções, pronomes, verbos e advérbios, para afirmar que o grego do evangelho é um grego traduzido de um aramaico subjacente; inclusive apresentou vários exemplos de casos de má tradução do aramaico para o grego. Na mesma linha seguiu G. H. C. MacGregor, *The Gospel of John* (1928), p. XVI-XVII, que defende que o evangelho foi escrito em aramaico na Palestina ou na Síria, sendo que a versão grega atual é uma recensão posterior feita em Éfeso. Também G. Dalman, *Worte Jesu* (1930), p. 71-72 tentou provar a existência de um original aramaico para o Quarto Evangelho. Para M. -É. Boismard, em *Importance de la Critique Textuelle pour Établir l'Origine Araméenne du Quatrième Évangile* (1958), p. 41-57, as variantes textuais são um campo fértil para estabelecer a teoria de uma fonte aramaica. Como exemplo, cita que a frequente omissão do verbo "ser" em algumas variantes indica uma tradução literal de uma construção comum aramaica.

³⁹ Cf. GARCÍA MARTÍNEZ, F; TREBOLLE BARRERA, J., *Os Homens de Qumran*, p. 142-145. Conforme a interpretação *peshet* o sentido de um texto não é o que se refere às circunstâncias do momento no qual foi escrito, mas aquele que adquire por referência à situação da comunidade escatológica. As citações que seguem o modelo *peshet* são: Jo 2,17 (Sl 69,9), 12,15 (Zc 9,9); 12,38 (Is 53,1); 12,40 (Is 6,9s); 19,24 (Sl 22,18); 19,36 (Sl 34,20); 19,37 (Zc 12,10).

⁴⁰ *Ibid.*, p. 172.

⁴¹ Cf. BRAUN, F. -M, *L' Arrière-Fond Judaique du Quatrième Évangile et la Communauté de L' Alliance* in **RB** 62 (1955), p. 35-38.

delas se serviram naqueles primeiros momentos de sua existência (cf. At 1,26; 2,32.44-45; e 1QS 1-2; 5,2; 6,2-4.16-19.24-25). É provável ainda que as ideias de Qumran foram transmitidas ao cristianismo por vários grupos ou movimentos antes de chegarem a ser percebidas através de certos escritos do Novo Testamento⁴². No entanto, mesmo antes da destruição dos assentamentos de Qumran pelo exército romano, em 68 d. C. e, sobretudo depois, havia essênios na Transjordânia, na Síria, no Egito e na Ásia Menor⁴³. Em 67 d.C., por ocasião da 1ª Revolta Judaica contra Roma (66-73 d.C.), a comunidade de Qumran estava, sem dúvida, dispersa, e seus membros haviam se refugiado na Síria e em outras regiões da Ásia⁴⁴. Foi precisamente em tais regiões que se desenvolveu a missão cristã. Sabemos que João, como também Paulo, foram para a Ásia Menor. Deste modo, durante o período que nos interessa, os contatos entre cristãos e essênios podem ter tido lugar não somente na Palestina, mas também em outros lugares⁴⁵.

Como análise da ideia de Cristo-luz no corpo joanino, esta tese se limitará a tratar apenas do Quarto Evangelho, uma vez que as Cartas joaninas e o Apocalipse não abordam ou desenvolvem o conceito específico de Jesus como "luz", embora também apresentem algumas semelhanças de pensamento com a literatura de Qumran. De fato, a oposição entre luz e trevas é uma característica não só do Evangelho de João, mas também das Cartas joaninas e do Apocalipse, onde encontramos o "andar na Luz" e "andar nas trevas" assim como o "caminhar na verdade"⁴⁶ (cf. 1 Jo 1,6-7; 2Jo 4; 3Jo 3-4; Ap 22,15). Em 1Jo 1,6-2,2, luz e trevas, como em Qumran (cf. 1QS 3,17-22), são dois meios transcendentais nos quais os homens estão submersos e se vêem afetados pela influência boa ou má dos mesmos. Também num sentido moral, 1Jo 2,9-10 enfatiza a caridade no

⁴² Cf. FLUSSER, D., *O Judaísmo e as Origens do Cristianismo I*, p. 96. João Batista é a única figura neotestamentária que foi reconhecida por inúmeros estudiosos como sendo próximo à comunidade de Qumran, embora não idêntico a ela. No entanto, a Didache e o Testamento dos Doze Patriarcas têm uma versão diluída da doutrina de Qumran sobre a dupla predestinação.

⁴³ Cf. CULLMANN, O., *Le Milieu Johannique*, p. 92.

⁴⁴ Cf. BRAUN, F. -M., *L' Arrière-Fond Judaïque du Quatrième Évangile et la Communauté de L' Alliance* in **RB** 62 (1955), p. 35; MOWRY, *The Dead Scrolls and the Background for the Gospel of John* in **BA vol. XVII** (1954), p. 86. Para Braun, foi justamente em Damasco que o autor do Quarto Evangelho teve conhecimento do dualismo essênio. A opinião é compartilhada por Mowry, que explica que em Damasco já existiam grupos essênios e cristãos estabelecidos, no tempo da 1ª Revolta Judaica, ou mesmo antes.

⁴⁵ *Ibid.*, p. 35-38.

⁴⁶ Cf. BROWN, R. E., *The Epistles of John*, p. 242.268. A "mentira" e o "não andar na verdade" são equivalentes a andar nas trevas. Encontramos ainda "praticar a verdade" em 1Jo 1,6; Ap 22,15. Em 1Jo 4,1-6; 5,6, os cristãos são advertidos a reconhecer os dois espíritos opostos, o "espírito da verdade" e o "espírito do erro".

proceder dos filhos da luz onde andar na luz ou andar nas trevas equivale a andar pelo caminho dos mandamentos ou rejeitá-los. E no fim, os que andam nas trevas serão julgados; apenas os filhos da luz que acreditam no Cristo e guardam seus mandamentos serão salvos de seus pecados (cf. 1 Jo 1,7). Nas epístolas joaninas, encontramos assim os seguintes paralelos com Qumran: a) dois espíritos opostos, o "espírito da verdade" e o "espírito do erro" (1Jo 4,1-6; 5,6). Em Qumran, os justos, os filhos da luz, são aqueles que pertencem ao espírito da verdade; enquanto que os maus são os que pertencem ao espírito da falsidade. A mesma justaposição ocorre em 1Jo 4,6, sendo que os espíritos são de verdade e de erro. Quanto ao "reconhecer os espíritos" em 1Jo 4,6, ver 1QS 5,20-24; 6,17-21; 7,21⁴⁷; b) "praticar a verdade" (1Jo 1,6); c) "andar na luz" e "andar nas trevas" (1Jo 1,6-7); d) "viver na verdade" (2Jo 4; 3Jo 4)⁴⁸. A idéia mais importante de 1Jo é que "Deus é Luz" (1,5)⁴⁹.

Quanto à questão sobre a citação dos textos e, conseqüentemente, a utilização de siglas dos manuscritos que compõem a literatura de Qumran, há uma questão que devo ressaltar dada à metodologia que esta tese pretende adotar. Refiro-me à designação numérica da coluna dos manuscritos, até agora realizada com números romanos e, seguindo, com numeração arábica para as linhas. Evitarei, no entanto, a simbologia romana e unificarei a numeração por meio da identificação através dos números árabes⁵⁰. Quanto à citação texto hebraico vocalizado da Regra da Comunidade (1QS) seguirei a indicação dada na obra de H. Von; E. Lohse, *Die Texte aus Qumran*⁵¹. A tradução portuguesa dos

⁴⁷ Cf. FLUSSER, D., *O Judaísmo e as Origens do Cristianismo I*, p. 72.

⁴⁸ Cf. TEEPLE, H., *Qumran and the Origin of the Fourth Gospel* in NT 4 (1960), p. 23.

⁴⁹ Cf. CONZELMANN, Fw/j, in KITTEL, G., *Theological Dictionary of the New Testament*, vol. IX, p. 354. Apesar de "luz" não estar relacionada ao conceito de "mundo", ao contrário do Quarto Evangelho.

⁵⁰ Cf. VÁZQUEZ ALLEGUE, J., *Los Hijos de la Luz e los Hijos de las Tinieblas*, p. 15. Assim, por exemplo, as linhas 6 e 7 da terceira coluna da Regra da Comunidade, cuja citação habitual seria 1QS III, 6-7, nesta tese, por razões práticas, modificarei a citação romana que representa o número da coluna, pela numeração árabe. Desta forma, o exemplo citado passará de 1QS III, 6-7 para 1QS 3,6-7. Esta proposta metodológica vem sendo adotada pela maioria dos atuais comentários e estudos em língua inglesa; apesar da maioria dos trabalhos em línguas de origem latina utilizar ainda a numeração romana para as colunas. A razão prática de minha escolha se refere ao momento da citação de documentos cujo número de colunas alcança cotas elevadas, como a de 4QpSl 37 ou 4QInstrução 692,4-15; até mesmo a Regra da Comunidade, com suas onze colunas, exigiria várias letras romanas. Portanto, simplificarei o método de citação e, ao mesmo tempo, tenderei à unificação metodológica universal. Mantereí a citação romana apenas nos casos de citação de trabalhos de autores, por questão de fidelidade à forma impressa.

⁵¹ Cf. VON, H.; LOHSE, E., *Die Texte aus Qumran*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1964.

manuscritos será aquela apresentada por García Martínez, F., *Os Textos de Qumran*⁵², salvo as partes que serão de tradução própria. O texto grego do Novo Testamento seguirá o *Novum Testamentum Graece*, de Nestle-Aland, 27ª edição.

⁵² Cf. GARCÍA MARTÍNEZ, F., *Os Textos de Qumran*. Petrópolis, Vozes, 1995.